



The cattle on the mountain
Georges Valmier

Ensaaios

Por que o Formação?¹

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Vocês estão aqui, já adentraram em nosso Departamento, para alguns, esta é a primeira vez, outros já estão aqui há mais tempo. Devem já ter se perguntado o porquê de estarem aqui? Por que o Formação? Enfim, a pergunta serve a todos nós aqui presentes: por que escolhemos estar e ficar no Formação? Enfim, por que o Formação existe? Vou tentar um exercício de respostas.

O Departamento Formação em Psicanálise foi, primeiramente, um curso, criado em 1976^{2,3}. É, na verdade, o primeiro curso de psicanálise no Brasil que acontecia fora dos muros da Sociedade Brasileira de Psicanálise, ligada à *International Psychoanalyse Association (IPA)*. Até então, psicanalista era aquele que se tornava aluno e depois membro daquela sociedade internacional.

Em um dos graves períodos nacionais, dentre os diversos períodos críticos do Brasil, pois que aqui é cíclico o embate entre lutas por construções sociais livres e democráticas *versus* totalitarismos, este nosso curso fundador foi o primeiro que quebrou aquela hegemonia da IPA para sempre, pois abria, pela primeira vez em nosso país, a possibilidade de pessoas de fora da IPA obterem direito a uma formação e pudessem vir a ser psicanalistas.

À primeira vista, nosso curso abria as portas a todos que fossem interessados por psicanálise e tivessem vontade forte, e ética nas suas opções, empenho sério nos estudos e, bastando ter medianos recursos financeiros, pudessem estudar e exercitar práticas psicanalíticas. No entanto, os que buscavam o curso sempre foram pessoas enraizadas e conscientes da cultura brasileira, que, na época, lutava por democracia. Esses foram sempre atraídos pelos princípios democráticos do instituto que estava sendo fundado por Madre Cristina, o Instituto Sedes Sapientiae.

Assim, nosso curso tem sua origem como parte do movimento, nos anos 1970, de ruptura com as sociedades ligadas à IPA, capitaneado em São Paulo pelo Instituto Sedes Sapientiae. E, assim, se deu o primeiro ato democrático da psicanálise em São Paulo, no Brasil.

[1] Aula inaugural do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, ministrada em 06 de março de 2024.

[2] PERSICANO, M. L. S. (2001). Dos cursos de psicoterapia de orientação psicanalítica e de psicopatologia e psicoterapia psicanalítica ao Departamento Formação em Psicanálise: uma história. In.: *Pulsional: revista de psicanálise*, V1, n. 1 (1987). São Paulo: Editora Escuta, 1987, pp. 47-70.

[3] _____, M. L. S. (2001). Dos cursos de psicoterapia de orientação psicanalítica e de psicopatologia e psicoterapia psicanalítica ao Departamento Formação em Psicanálise: uma reflexão crítica sobre o destino de um nome. Uma história transgeracional. In.: *Boletim Formação em Psicanálise*. Departamento Formação em Psicanálise. São Paulo, ano XV, v. 15, (2007).

Desde os anos 1960, já despontava na filosofia europeia um questionamento a respeito da psicanálise: se a produção de subjetividades, enquanto a formação da subjetividade, tema bem contemplado pelas teorias e técnicas da psicanálise, pode ser vista como algo que se dá em um lugar entre o biopoder e a biopolítica. Entre os anos de 1974 e 1979, Michel Foucault elabora o conceito de biopoder (*A Vontade do Saber, A História da Sexualidade*) conceito que assume duas formas: consiste, por um lado, em uma anátomo-política do corpo e, por outro, em uma biopolítica da população.

A anátomo-política se refere aos dispositivos disciplinares encarregados de extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço, no interior de instituições, como a escola, o hospital, a fábrica e a prisão. Por sua vez, a biopolítica da população volta-se à regulação das massas, utilizando-se de saberes e práticas que permitam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, epidemias, aumento da longevidade.⁴ A biopolítica é uma política da vida e uma política das tecnologias da vida, é o conjunto de estratégias de gestão dos viventes, mecanismos biológicos que passam a fazer parte de estratégias políticas: higiene, alimentação, sexualidade, natalidade, longevidade. E o biopoder relacionado a ela é o poder de controle e regulação que uma entidade política exerce sobre a vida dos indivíduos e das populações sujeitas à sua autoridade.

Nesse sentido, desde nossa origem como curso, em toda nossa evolução, que levou à constituição enquanto Departamento em 1995, o desafio que nos acompanha é: se a psicanálise, e como a psicanálise, tanto em sua prática como em sua construção teórica, poderia contribuir com a sociedade para a compreensão e transformação dos fenômenos sociais, sobremaneira os conflitos humanos e o sofrimento implícito neles, colaborando para a construção de uma metapsicologia própria a eles, sem vir a cair na submissão à biopolítica e ao biopoder.

Vou, aqui, considerar, primeiramente acompanhada por Castel e Baremblyt, que, com base na decisiva influência de Foucault e Deleuze, a Psicanálise “não teria conseguido mais manter sua posição isolacionista, hermética e até (mesmo) esotérica” (...) “que fora a sua estratégia retórica e institucional”

[4] FURTADO, R. N. e CAMILO, J. A.O. O Conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. In.: *Revista Subjetividade*. Vol. 16 n. 3. Fortaleza, 2016.

[5] BAREMBLYT, G. Apresentação. In.: *Revista Saúde e Loucura*. Grupos e Coletivos. Trad. Ângela Maria N. Tijiwa. São Paulo: Hucitec, Número 5, pp. 14-15, 1993.

(1993) durante boa parte do século XX. Consequentemente, uma boa leva de autores psicanalistas que se seguiram e ainda seguem, “tiveram de ler e incorporar, de alguma maneira” (1993) aqueles autores críticos e seu pensamento crítico no pensar e no exercer da psicanálise.

Entretanto, segundo a crítica de Castel, endossada por Barremblitt (1993), “esse ‘juízo de existência’ tem sido enunciado e, ao mesmo tempo, neutralizado, por uma tática discursiva” que determina uma subjetividade comprometida com as instituições da sociedade em que existe e é exercida, ou seja, acaba submetida ao biopoder. Muitas vezes, temos movimentos de oposição ao biopoder, que nos joga em outra forma, aparentemente opositora, mas que igualmente nos submete ao biopoder.

Nosso curso tem se havido com essa ruptura de origem com as sociedades da IPA, consideradas pelo movimento como submetidas ao biopoder. Nosso movimento já buscava enfrentar o desafio ante um alerta, mais tarde explicitado por aqueles pensadores em vários tempos e momentos da segunda metade do século XX, quanto ao processo histórico de produção e adoção do objeto formal, abstrato e universal da psicanálise como forma dominante de subjetividade e, portanto, submetida ao biopoder, sem, contudo, que isso fosse explícito.

A proposta era evitar essa armadilha, buscar empenhadamente evitar de fazer adesão ao biopoder – e me parece, também, evitar o que, às vezes, acontece dentro da psicanálise, novas propostas e estratégias nas quais para se opor ao biopoder “se consiga mudar para que tudo fique igual” (1993). Isso acontece quando se atribui a esta ou àquela corrente teórico-clínica da psicanálise a adesão ao biopoder, em favorecimento de outra, considerada a única isenta e comprometida na resistência ao biopoder. Ledo engano.

Dessa forma, a nossa tarefa é desafiadora e interminável. Para isto, nos propomos a fazer sempre uma leitura na letra e na linha, bem pontual e atenta, não só dos textos do fundador Sigmund Freud, mas, também, daqueles escritos pelos psicanalistas que seguiram os fundamentos da psicanálise, estabelecidos por Freud e que a partir daí desenvolveram correntes diversas de pensamento.

Para nós, só é psicanálise se preenche um tripé de precondições: a convicção na existência do inconsciente; a importân-

cia da sexualidade infantil; a relação resistência-transferência. Outros aspectos, tais como a destrutividade e a contratransferência podem aí ser inseridos, mas sem tirar nenhum dos três elementos do tripé conceitual. Nesse contexto, avaliar se esses elementos estão em resistência ou em conluio com o biopoder não é tarefa fácil para um grupo de psicanalistas nem em sua prática, nem em sua pesquisa clínico-teórica.

É, portanto, natural e indispensável a exigência de um tripé para quem está em Formação, mas que precisa durar toda uma vida a partir da entrada na psicanálise: a análise pessoal, o estudo e a pesquisa da teoria e da teoria da técnica, e a experiência clínica em atendimento psicanalítico. Tarefa árdua e imprescindível a ser conquistada e cuidada por quem está e por quem vem ao Formação.

Quero ainda tocar em outra problemática. Os autores críticos mostraram que a psicanálise ficou mais voltada, sobretudo, ao indivíduo e não ao coletivo, o que levou à crítica de ser a psicanálise um dispositivo que serve à alienação pela ênfase na individualidade e, portanto, mais um instrumento da biopolítica para exercer o biopoder, mais uma técnica política de subjetivação. O biopoder, colonizando as subjetividades.

Se olharmos com cuidado, podemos fazer uma grave injustiça à psicanálise e a nós, psicanalistas, que desde seu fundador não se pretende assim. Infelizmente, nós, humanos, temos uma tendência ao descarte, em que quando se questiona alguma forma de pensamento, área do conhecimento, normas, costumes, valores e atividades práticas, logo se joga tudo fora sem fazer a releitura do antigo, aproveitando aspectos significativos do velho para compor e construir o novo. Uma depuração, com aproveitamento do anterior para recriar algo novo no lugar, assim como acontece no mundo natural. Nós, humanos, não conseguimos. A meu ver, aí começam os litígios, as cisões, as guerras e a eugenia. Lembro aqui de Melanie Klein quando trabalha a elaboração da posição depressiva, que nos dá condição de nos pormos no lugar do outro humano, de podermos sentir as escolhas do outro e compreender o pensamento alheio e diverso, até opositor, sem termos de nos submeter a ele ou exterminá-lo. Tarefa difícil novamente. Quase impossível para nós, humanos, acredito.

Quando falo indivíduo, não falo só de sujeitos individuais. Falo de a psicanálise superar a dupla dicotomia indivíduo-grupo e grupo-sociedade, e que possa perceber tanto o indivíduo, como o grupo e a sociedade como concepções do biopoder se tomadas como representações universalizantes e totalizantes. O grupo, ele próprio e mesmo as práticas psicanalíticas grupais podem ser vistos como um tipo de subjetivação totalizante, assim como qualquer teoria psicanalítica individual. A noção de coletivo foi trabalhada por Guattari e tem o sentido de “uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa (...) derivando mais de uma lógica dos afetos do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos” (1996). Penso em Bion ao ler esta frase. Vou tentar resumir e dizer de modo simples.

Ao final de sua obra, Bion conclui que o grupo precede o indivíduo na história da espécie, e por isso as origens da formação espontânea de grupos estão enraizadas no grupo-horda primordial, bem como no inconsciente do sujeito individual estão todos os supostos básicos do grupo primordial. Portanto, não são oposições. Assim, para concluir, a subjetivação é entendida aqui como não equivalente à individualização. É de outra natureza, pelo papel do grupo social na construção daquela. Entretanto, pode e frequentemente ocorre um funcionamento massivamente individualizante que pode aparecer em quaisquer formulações teóricas e práticas individuais e grupais da psicanálise, construindo-se traços de equivalência entre sujeito e indivíduo, subjetivação e individualização.

Como um lugar onde se inicia uma formação, aqui se deve colocar a pedra fundante da psicanálise, que é uma conceituação do Inconsciente a qual implica colocar o tema consciente-inconsciente como uma questão epistemológica fundamental, como condição de possibilidade para toda a teoria e prática psicanalítica, para, a partir disso, poder ser pensada a produção de subjetividades e, mais ainda, para se pensar a relação entre psicanálise e sociedade. Isto é, nunca abandonar os pilares epistemológicos da psicanálise, resistindo sempre em colocá-los submetidos a qualquer forma de biopoder.

Vocês percebem que a Formação trabalha a psicanálise nos três tripes – teoria psicanalítica, análise pessoal e experiência

em atendimento psicanalítico – mas sempre considerando que a prática não está situada somente no final da teoria, ao contrário, apresenta-se em necessidade imediata desde seu começo. A prática demanda a busca de construções teóricas, e a teoria emerge da clínica psicanalítica. Vou encerrar com uma frase de Bion para que nos sirva sempre de lembrete:

O objetivo (na práxis psicanalítica) é introduzir o paciente (analisando) à pessoa mais importante com quem ele jamais poderá lidar: ele mesmo. Soa simples; na realidade é extremamente difícil. A pessoa (o psicanalista) está sempre suscetível de afetar o paciente com seus próprios pontos de vista – tanto aqueles que mantém conscientemente, como outros, os quais ele não mantém consciente, (os inconscientes) a contratransferência, portanto, com sua própria ideologia, mesmo sem consciência dela (BION, 1979, p. 5)^{8;9}.

[8] SANDLER, P. C. *A Linguagem de Bion: um dicionário completo de conceitos*. Paulo C. SANDLER *The Language of Bion a Dictionary of Concepts*; tradução de Daniela Sandler, Giovanna Del Grande. São Paulo: Blucher, 2021, p. 894, 2005.

[9] BION, W. R. B. *Four Talks with Bion*. Ed. Por Francesca Bion. Strathfordshire: Clunie Press, p. 5, 1979.